

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA- INC  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA E  
LITERATURA PORTUGUESA E LÍNGUA E LITERATURA  
ESPAÑHOLA**

**JANETE FILIPE BENEDITO**

**A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA  
ANÁLISE DA PRÁTICA DE SEMINÁRIO NO CURSO DE LETRAS**

**BENJAMIN CONSTANT – AM**

**2025**

JANETE FILIPE BENEDITO

**A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA  
ANÁLISE DA PRÁTICA DE SEMINÁRIO NO CURSO DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, do Instituto de Natureza e Cultura – INC, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

Orientadora: Dra. Andreza Marcião dos Santos

BENJAMIN CONSTANT – AM

2025

### Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

B463i Benedito, Janete Filipe

A importância da oralidade na formação acadêmica: uma análise da prática de seminário no Curso de Letras / Janete Filipe Benedito. - 2025. 61 f. : il., p&b. ; 31 cm.

Orientador(a): Andreza Marcião dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant, Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola, Benjamin Constant, 2025.

1. Comunicação. 2. Formação Acadêmica. 3. Oralidade. 4. Seminário . I. Santos, Andreza Marcião dos. II. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant. Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola. III. Título

---

**JANETE FILIPE BENEDITO**

**A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA  
ANÁLISE DA PRÁTICA DE SEMINÁRIO NO CURSO DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, do Instituto de Natureza e Cultura – INC, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Andreza Marcião dos Santos - UFAM  
Orientadora

---

Profa. Dra. Valdinéia Ferreira dos Santos - UFAM  
Avaliadora

---

Prof. Me. Juan Emilio Garcia Torres - UFAM  
Avaliador

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus, por ser o meu socorro bem presente e por ter me dado o privilégio de concluir mais essa etapa importante na minha vida. A minha família, que sempre me incentivou a crescer e a buscar os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por colocar anjos na minha vida para me guiar, por me dar fé, sabedoria e coragem para conquista meus sonhos.

A todos os membros da minha família, principalmente a minha mãe que, desde o meu ingresso na universidade, nunca desistiu de mim, e a minha irmã Estelita Filipe, que cuidou do meu filho. Obrigada por todos os cuidados e orações, pois em alguns momentos me deram a esperança para seguir e a nunca desistir de mim. Vocês me deram força durante esta etapa da minha vida e estiveram presentes em momentos de alegria e tristezas. Obrigada por me incentivarem e acreditarem que eu era capaz de concluir este curso, mais ainda pelas palavras motivacionais. Saibam que, quando eu me sentia incapaz, eram vocês, por meio das conversas e conselhos, que possibilitaram a ideia de acreditar em mim novamente.

Agradeço as pessoas da faculdade, com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. As experiências de uma produção compartilhada com os amigos(as) foram as melhores da minha formação acadêmica.

Agradeço a minha orientadora, professora Andreza Marcião dos Santos, pela paciência nas orientações e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação e que, durante muito tempo, me ensinaram e me mostraram o quanto estudar é bom.

Agradeço aos discentes do 6º período de Letras, que colaboram com sua participação e tiraram seu tempo para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM), que me oportunizou cursar essa faculdade e ter acesso aos auxílios estudantis, que me ajudaram bastante e permitiram a conclusão da minha jornada acadêmica. Tive a oportunidade de cursar uma faculdade e receber o tão sonhado diploma. Sei que não foi fácil ganhar esse prêmio, tão sonhado e que todo mundo quer, porque enfrentei muitas barreiras para conseguir.

E, por último, agradeço a todos aqueles de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena. De todos os presentes que Deus me deu, vocês são a parte mais importante da minha vida. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

Muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho discute a importância da oralidade na formação acadêmica no curso de Letras, tomando o seminário como dispositivo de aprendizagem e avaliação no ensino superior. O objetivo geral deste trabalho foi analisar a importância da oralidade no contexto acadêmico, especificamente na atividade oral de seminário desenvolvida por estudantes do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola do Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM). Nesse estudo, realizou-se a pesquisa bibliográfica, abordando conteúdo analítico, seguido da pesquisa de campo por meio da aplicação de entrevista realizada com os alunos do 6º período do Curso de Letras. Após a coleta de dados, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, foi realizada a análise dos resultados, considerando a leitura e a interpretação de textos, bem como os quadros organizados e sistematizados. Como respostas, os alunos participantes da pesquisa reconheceram a importância da comunicação oral para o sucesso profissional e que desenvolveram competências essenciais durante a prática de seminário, como: a argumentação, a escuta ativa, a clareza na exposição de ideias e a capacidade de interagir criticamente em debates e apresentações.

**Palavras-Chaves:** Comunicação; Formação Acadêmica; Oralidade e o Seminário.

## RESUMEN

Este trabajo discute la importancia de la oralidad en la formación académica en el curso de Letras, tomando el seminario como un dispositivo de aprendizaje y evaluación en la enseñanza superior. El objetivo general de este trabajo fue analizar la importancia de la oralidad en el contexto académico, específicamente en la actividad oral del seminario desarrollada por un estudiante del curso de Letras: Lengua y Literatura Portuguesa y Lengua y Literatura Española del Instituto de Naturaleza y Cultura (INC/UFAM). En este estudio, se realizó una investigación bibliográfica, abordando contenido analítico, seguido de una investigación de campo mediante la aplicación de una entrevista con los estudiantes del 6º período del Curso de Letras. Después de la colecta de datos, realizada por medio de entrevistas semiestructuradas, fue realizada un análisis de los resultados, considerado la lectura e interpretación de textos, bien como los cuadros organizados y sistematizados. Como respuestas, los alumnos participantes de la investigación reconocieron la importancia de la comunicación oral para el suceso profesional y que desenvolverán competencias esenciales durante la práctica de seminario, como: la argumentación, la escucha activa, la claridad en la exposición de ideas y la capacidad de interactuar críticamente en debates y presentaciones.

**Palabras clave:** Comunicación; Formación Académica; Oralidad y Seminario.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AM – Amazonas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

INC – Instituto de Natureza e Cultura

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

TCC – Trabalho de Conclusão do Curso

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Meios Não-Linguísticos da Comunicação Oral .....	23
<b>Quadro 2</b> – Entrevista: parte I.....	27
<b>Quadro 3</b> - Entrevista: parte II.....	30
<b>Quadro 4</b> - Entrevista: parte III.....	33
<b>Quadro 5</b> - Entrevista: parte IV.....	35
<b>Quadro 6</b> - Entrevista: parte V.....	38
<b>Quadro 7</b> - Entrevista: parte VI.....	40
<b>Quadro 8</b> – As categorias.....	47

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
2.1 Definição de oralidade.....	14
2.2 Gêneros orais .....	15
2.3 A prática do seminário no contexto acadêmico.....	17
2.4 Estudos acerca da oralidade.....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
3.1 Natureza e tipo da pesquisa .....	20
3.2 <i>Corpus</i> da pesquisa.....	21
3.2.1 Forma de abordagem dos participantes da pesquisa.....	21
3.2.2 Critérios de inclusão e exclusão .....	21
3.3 Instrumentos de coleta de dados .....	22
3.4 Análise de dados .....	24
<b>4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>27</b>
4.1 Habilidade de comunicação oral em situações acadêmicas.....	27
4.2 Dificuldade e desafios enfrentados pelos discentes durante a comunicação oral.....	30
4.3 As práticas metodológicas utilizadas para o desenvolvimento da competência oral	32
4.4 A educação básica e o desenvolvimento da comunicação oral .....	35
4.5 Dificuldade na oralidade no desempenho acadêmico.....	38
4.6 Comunicação oral e suas oportunidades profissionais futuras .....	40
4.7 Meios não-linguísticos e a comunicação oral.....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A oralidade constitui uma das dimensões mais relevantes da linguagem, sendo compreendida como prática social fundamental para a interação humana e para a construção do conhecimento. Historicamente, a comunicação oral antecede a escrita e se mantém como elemento indispensável para a transmissão cultural, para a constituição de vínculos sociais e para a formação de identidades coletivas e individuais. No âmbito acadêmico, a oralidade ganha destaque por representar não apenas a capacidade de expor conteúdos, mas também de articular raciocínios, sustentar argumentos e participar ativamente de processos dialógicos que promovem a aprendizagem e o pensamento crítico.

Nesse sentido, a presente pesquisa surgiu de uma observação empírica realizada durante o percurso da minha vida acadêmica no Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM). De forma recorrente, muitos estudantes nos Cursos de Letras apresentam dificuldades significativas no uso adequado da oralidade, principalmente durante a realização de seminários e apresentações nas disciplinas de Língua Portuguesa, comprometendo diretamente seus respectivos desempenhos acadêmicos. Observou-se ainda que a insegurança, a hesitação e a dificuldade em organizar ideias de forma clara e coerente impactam negativamente não apenas a qualidade das apresentações orais, mas também no desenvolvimento da autoconfiança dos discentes.

Durante esse período, tornou-se evidente a relevância da comunicação oral como uma competência essencial, tanto para as interações cotidianas quanto para o desenvolvimento no contexto acadêmico. Essas limitações refletem um *déficit* na prática e no estímulo à comunicação oral, aspectos estes que deveriam ser constantemente fomentados no ambiente acadêmico. Assim, a ausência de estratégias sistemáticas para o aprimoramento da oralidade contribui para a perpetuação de dificuldades que transcendem o espaço universitário, pois afeta também as relações interpessoais e profissionais.

De acordo com Marcuschi e Dionísio (2007), a oralidade, enquanto prática social, se desenvolve em situações informais do cotidiano, mas exige estratégias didáticas específicas quando inserida no contexto acadêmico. Nesse cenário, ela se apresenta como habilidade que deve ser sistematicamente trabalhada, pois possibilita ao estudante desenvolver clareza, coerência e segurança no momento de se expressar diante de diferentes interlocutores. A ausência de estímulos à prática oral na formação acadêmica

gera lacunas importantes, refletindo em dificuldades de comunicação que ultrapassam os muros da universidade e impactam a vida profissional.

A relevância da oralidade no ensino superior está diretamente associada à sua função socializadora e formativa. Por meio de atividades estruturadas, como debates, apresentações e seminários, os estudantes exercitam competências que vão além do domínio do conteúdo, envolvendo postura crítica e organização lógica das ideias.

Silva (2007) afirma que o seminário é um dos gêneros textuais mais utilizados pelos docentes quando o objetivo é estimular a oralidade, sendo uma prática que exige preparação, exposição clara e capacidade de síntese. Schneuwly e Dolz (2004) acrescentam que a exposição oral, gênero do qual o seminário faz parte, deve ser entendida como prática discursiva pública, que envolve tanto a transmissão de conhecimento quanto a interação entre os sujeitos participantes do processo comunicativo.

Nesse sentido, a oralidade ultrapassa o caráter instrumental e assume um papel pedagógico central, pois contribui para a construção da autonomia intelectual e para a consolidação de práticas críticas e reflexivas. O estudante que desenvolve segurança na comunicação oral amplia sua capacidade de argumentação, de mediação de conflitos e de inserção em espaços de interlocução acadêmica e profissional. Assim, evidencia que a oralidade não pode ser tratada apenas como habilidade natural, mas como competência que demanda ensino sistemático e metodologias próprias, especialmente em cursos voltados para a formação de professores, como o de Licenciatura em Letras.

Por essa razão, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar a importância da oralidade no contexto acadêmico, especificamente na atividade oral de seminário desenvolvida por estudantes do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola do Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM). Como objetivos específicos, buscou-se: i) identificar os comportamentos associados à comunicação oral apresentados pelos estudantes do ensino superior; ii) identificar as percepções dos estudantes acerca da importância dos aspectos da oralidade na prática de seminário; iii) verificar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes no que se refere à construção de uma comunicação oral eficiente, objetiva e clara no contexto acadêmico.

Diante disso, a pesquisa visou responder às seguintes questões norteadoras: quais comportamentos associados à comunicação oral os discentes do 6º período do Curso de Letras apresentam durante a prática do seminário? Como os discentes percebem sua

própria prática de oralidade? Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos discentes ao exercitarem a oralidade na prática de seminário?

Para alcançar os objetivos e responder às questões norteadoras do trabalho, foi necessário realizar a pesquisa bibliográfica, visto que, por meio dela, foram utilizados autores da área de Linguística Aplicada e da Educação, que discutem a oralidade, a prática de seminário e caminhos metodológicos para o desenvolvimento de pesquisas. Por exemplo, os trabalhos de Marcuschi e Dionísio (2007), Marcuschi (2010) e Silva (2007) contribuem amplamente para o estudo da oralidade e gêneros discursivos. Marcuschi e Dionísio (2007) discutem “as práticas de leitura e escrita como fenômenos sociais, defendendo que o ensino da língua deve considerar a diversidade textual e a interação comunicativa como processos dinâmicos”.

Já Marcuschi (2010) aprofunda “a compreensão sobre a oralidade e a escrita, demonstrando que ambas constituem práticas interdependentes e igualmente legítimas na construção do conhecimento linguístico”. Silva (2007), por sua vez, enfatiza “o papel da linguagem como mediadora das relações sociais e cognitivas, reforçando a importância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes”.

De modo complementar, Schneuwly e Dolz (2004), Travaglia *et al.* (2017), Chaer e Guimarães (2012), Gil (2019) e Marconi e Lakatos (2009) abordam dimensões distintas, porém convergentes, do ensino e da pesquisa científica. Schneuwly e Dolz (2004) destacam “a relevância dos gêneros orais e escritos como instrumentos de aprendizagem, propondo uma didática voltada ao desenvolvimento da competência discursiva”.

Travaglia *et al.* (2017) “defendem uma abordagem interacionista da linguagem, na qual o uso linguístico é compreendido como prática social contextualizada”. Chaer e Guimarães (2012) “contribuem com reflexões sobre variação linguística, enfatizando o respeito à diversidade cultural e linguística no ensino”. Já Gil (2019) e Marconi e Lakatos (2009) se destacam “na metodologia científica, fornecendo fundamentos teóricos e práticos para a elaboração de pesquisas acadêmicas, desde a formulação do problema até a análise dos resultados, reforçando a importância da cientificidade e da ética na produção do conhecimento”.

Em relação aos procedimentos metodológicos, o estudo realizou, num primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, abordando dados qualitativos implementados na busca de referenciais teóricos diante do acervo bibliográfico encontrado em plataformas

e sites acadêmicos, livros e científicos, dos quais foram realizados a etapa da seletividade desses referenciais.

Em seguida, foi realizada a segunda etapa com a pesquisa de campo. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um roteiro de entrevista que possuía 06 perguntas abertas. Os participantes da pesquisa foram os discentes do 6º período do Curso de Letras, do INC/UFAM. Após a entrevista, foram realizadas as observações com os alunos na prática de seminário. E, por fim, realizaram-se a análise e a interpretação dos dados.

Nesse sentido, o respectivo trabalho se estrutura possuindo a ordem coerente entre os subtítulos que oferecem o entendimento dos fundamentos a respeito do tema a partir da introdução, da fundamentação teórica, da proposta metodológica, dos resultados e discussão, e das considerações finais. Assim, a presente pesquisa, buscou reunir e analisar as contribuições teóricas que discutem a importância da oralidade no contexto acadêmico, com especial atenção à prática do seminário dos discentes do Curso de Letras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Definição de oralidade

De maneira geral, a oralidade refere-se à forma de comunicação que ocorre por meio da fala, em contraste com a escrita. É um modo de expressão que envolve a produção e a recepção de mensagens verbalmente utilizando a voz e a linguagem falada. A oralidade é uma habilidade fundamental no cotidiano e desempenha um papel crucial em diversas situações sociais, educacionais e profissionais. Assim, como defende Marcuschi (2010, p. 25):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Em outras palavras, Marcuschi e Dionísio (2007, p.32) enfatizam que “quando tratamos da fala ou da escrita, lidamos com aspectos relativos à organização linguística. Já quando falamos em oralidade e letramento, referimo-nos às práticas sociais ou práticas discursivas nas duas modalidades oral e escrita, na leitura e na escuta.

Dessa forma, a prática da oralidade, nos permite usufruir de diversas funções essenciais, e uma delas é a interação social, que facilita as relações interpessoais e a troca de experiências. Ou seja, dotada de intenções comunicativas diversas, que se expressa através de gêneros discursivos variados. A oralidade, portanto, é uma competência complexa, construída ao longo da vida.

Embora o ser humano possua a capacidade genética de falar, isso só será desenvolvido se houver uma interação social com o meio em que ele está inserido. Para Vygotsky (1996), “ao adquirirmos a habilidade da oralidade não diz respeito apenas a simples memorização de palavras, mas sim, corresponde à efetivação de um ambiente rico em possibilidades e interações sociais e, desse modo, possibilitar vivenciar diálogos entre as pessoas”.

Nessa perspectiva, a criança desenvolve a sua oralidade a partir do que ela presencia no seu ambiente e o aperfeiçoamento é fruto de um processo de interação entre o sujeito e os meios sociais, físicos e culturais. Logo, esse processo que se inicia na infância, perpassa para a vida adulta, visto que, partindo da perspectiva vygotskiana, o desenvolvimento da linguagem é considerado um processo social e interativo. A prática

da oralidade adquire relevância ao permitir a vivência em situações comunicativas complexas, como o seminário, mediadas pelo ambiente acadêmico e pelas interações com colegas e docentes.

Outra função da oralidade é a transmissão de conhecimento, sendo um meio importante para ensinar e aprender, especialmente em contextos informais, contribuindo para entender como as informações, tradições e saberes são compartilhados e preservados ao longo do tempo. Conhecemos histórias, mitos, lendas que passaram de geração em geração por meio da fala, especialmente nas culturas indígenas da Amazônia. Atualmente, elas ainda dependem da oralidade para manter suas tradições vivas, utilizando contadores de histórias e anciãos como guardiões do saber. Desse modo, a oralidade é uma forma de conhecer e preservar a cultura de um povo também.

## 2.2 Gêneros orais

Os gêneros orais são formas de expressão verbal utilizados para diferentes fins comunicativos e em diferentes contextos sociais. São formas de comunicação que empregam a fala como meio principal de interação. Cada gênero possui características próprias que o distinguem dos demais, sendo definido não apenas por sua estrutura formal, mas também pelo contexto de uso, finalidade comunicativa e interlocutores envolvidos.

Segundo Travaglia *et al.* (2017), “os gêneros são fundamentais na organização das interações sociais, uma vez que permitem aos falantes se posicionarem diante das situações comunicativas com repertório apropriado”. Assim, é essencial que o ensino da língua ocorra desde os anos iniciais, para que se promova o conhecimento de diferentes gêneros orais, de modo a ampliar a competência oral dos estudantes e prepará-los para atuar em múltiplos contextos.

No contexto acadêmico, destacam-se alguns gêneros orais como, por exemplo, entrevistas, palestras, seminários, debates, exposições orais e apresentações de trabalhos. Esses gêneros são frequentemente exigidos na prática acadêmica e requerem habilidades como clareza na exposição, argumentação, coesão e coerência textual, além do uso adequado da linguagem corporal. Segundo Travaglia *et al.* (2017, p. 17):

O gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e foi produzido oralmente por meio da voz humana, independente de possuir ou não a forma escrita.

Essa característica evidencia que a oralidade tem especificidades próprias que não podem ser reduzidas à leitura em voz alta de textos escritos, devendo ser compreendida em sua complexidade discursiva. Cada um dos gêneros orais, anteriormente citados, têm um papel importante na comunicação cotidiana e no ambiente educacional, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades orais e da interação social. Trabalhar os gêneros orais é permitir alcançar novos horizontes.

Nesse contexto, é importante que o docente considere durante a construção das atividades pedagógicas, segundo a BNCC (2017, p.79), “[...] as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais, nos quais, os textos aparecem e se eternizam juntamente com a geração dos sentidos”. A partir disso, é necessário considerar as práticas sociais em que esses textos surgem, seus propósitos comunicativos e os sentidos que geram.

O ensino da oralidade precisa ultrapassar a mera avaliação de fluência ou memorização de conteúdos, passando a integrar práticas pedagógicas significativas e contextualizadas. Por meio de atividades pedagógicas em sala de aula, o desenvolvimento da oralidade torna-se imprescindível tanto para o docente quanto para o discente. Conforme Schneuwly (2010, p. 17):

O trabalho diante dos orais possibilita o acesso a diversas atividades linguísticas ao desenvolver as capacidades de linguagem, o qual, abrem os caminhos diversificados convenientes aos alunos de forma diferente, conforme suas personalidades.

O autor destaca que o trabalho com gêneros orais amplia as capacidades linguísticas dos alunos, dando-lhes oportunidades para explorar diferentes formas de organização discursiva. Esse contato com os gêneros permite que os estudantes aprendam a lidar com a linguagem em diversas possibilidades expressivas, respeitando suas particularidades e exigências comunicativas. Além disso, o ensino dos gêneros orais proporciona um ambiente mais dinâmico e interativo em sala de aula, contribuindo para a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento e desenvolvimento da expressão oral com mais segurança e fluência.

Portanto, o ensino sistemático dos gêneros orais nas práticas escolares é um passo fundamental para a consolidação da competência comunicativa dos estudantes. Ao se aproximarem desses gêneros, os alunos não apenas se tornam mais eficazes nas interações

orais, mas também desenvolvem maior autonomia na exposição de ideias e argumentos. Isso favorece seu desempenho acadêmico e sua inserção em diferentes esferas sociais, especialmente no ensino superior, onde os gêneros orais são frequentemente utilizados como instrumento de avaliação e expressão de conhecimentos.

### 2.3 A prática do seminário no contexto acadêmico

A oralidade e a comunicação oral no contexto acadêmico são fundamentais para o aprendizado e a troca de conhecimentos, sendo uma ferramenta central para a construção e socialização do conhecimento. Nesse espaço, o intercâmbio de ideias e a argumentação são elementos essenciais que possibilitam o discente a desenvolver a prática da oralidade. Mas, isso se faz a partir das apresentações de seminários, debates e exposições orais, que são algumas das práticas mais recorrentes no ensino superior. Elas acabam exigindo dos alunos habilidades específicas, que nem sempre foram adequadamente desenvolvidas em fases anteriores da formação. De acordo com Chaer e Guimarães (2012, p. 76):

o trabalho com a oralidade assume um importante papel no processo educativo, de forma que as ações educativas tornam o processo mais eficaz ao propiciar situações, dos quais, permitem a exploração buscando o desenvolvimento oral por meio da instrumentalidade comunicativa e social.

Assim, a universidade deve assumir a responsabilidade de fortalecer essas competências, criando oportunidades e metodologias que promovam a oralidade como parte integrante da formação acadêmica e da vida profissional. O seminário acadêmico, por exemplo, assume papel de destaque como gênero oral formal, porque mobiliza diversas capacidades cognitivas e linguísticas dos estudantes. Ao preparar e realizar um seminário, o aluno precisa organizar suas ideias de forma lógica, selecionar e interpretar informações relevantes, controlar a ansiedade, utilizar recursos linguísticos apropriados e manejar a linguagem corporal.

Segundo Silva (2007, p. 37) “o gênero seminário pode ser compreendido como “um gênero discursivo/textual, um evento comunicativo”. Por outro lado, Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam que “o ato de se comunicar oralmente é desenvolvido verbalmente e vocal, entretanto, é necessário um planejamento”. Conseqüentemente, significa que a comunicação eficaz envolve não apenas as palavras faladas, mas também a linguagem

corporal que amplia a perspectiva da comunicação oral, reconhecendo a sua complexidade e a interação entre diferentes elementos verbais e não verbais.

No ambiente acadêmico são desenvolvidas diversas atividades com metodologias de ensino diferentes para que o aluno tenha um suporte que o ajude na boa prática da oralidade. Uma delas, bem comum nas universidades, são as aulas expositivas, onde os professores utilizam a oralidade para apresentar conteúdos, explicar conceitos e estimular o pensamento crítico. Todavia, a clareza na comunicação é essencial para que os alunos compreendam os temas abordados.

Há também debates e discussões que permitem aos alunos a possibilidade de se expressarem, dando opiniões e defendendo pontos de vista a partir de suas habilidades argumentativas. Isso também ensina a respeitar e a considerar diferentes perspectivas. Nelas, os alunos frequentemente são convidados a apresentar trabalhos ou projetos, o que ajuda a desenvolver habilidades de fala em público, organização de ideias e o uso de recursos visuais para complementar a apresentação.

Entretanto, não se pode deixar de lado a grande dificuldade que os discentes têm na oralidade, sendo um assunto que deve ser explorado e discutido nas universidades, uma vez que pode se manifestar de várias formas. Primeiro, que muitas pessoas sentem nervosismo ao falar diante de uma audiência, o que pode levar à gagueira, esquecimentos ou bloqueios. Essa ansiedade pode ser exacerbada pela pressão de se sair bem. Segundo, a falta de experiências anteriores em situações que exigem comunicação oral, como apresentações, debates e especialmente no seminário, pode resultar em insegurança e dificuldade para se expressar.

De acordo com Grilo, Oliveira e Puggina (2019), “o nervosismo e ansiedade impactam negativamente a autoavaliação dos alunos sobre o desempenho de falar em público”. Algumas pessoas têm dificuldade em estruturar seus pensamentos de forma clara e coerente, o que pode levar a apresentações confusas e/ou desorganizadas. Isso se torna mais agravante, quando se trata de alunos que não falam a língua da instrução como primeira língua, gerando então, desafios adicionais, como pronúncia, gramática e fluência.

#### 2.4 Estudos acerca da oralidade

O reconhecimento da importância da valorização da oralidade nos estudos linguísticos e na formação escolar tem ganhado crescente atenção por situar a fala como

prática social complexa e como objeto pedagógico. Conforme Nascimento (2024, p. 18), “a relação entre fala e escrita deve ser pensada em práticas discursivas, o que implica repensar materiais e estratégias didáticas para não diminuir a oralidade a mera “oralização” do escrito”.

Em consonância com essa perspectiva, a pesquisa sobre gêneros orais, coordenada por Souza (2022, p. 23) “oferece instrumentos conceituais e operacionais para identificar, caracterizar e ensinar vários gêneros orais”, dos quais, diante do debate ao relato, da entrevista ao sermão vem demonstrando que o trabalho com oralidade demanda atenção à multimodalidade, à corporeidade da fala e às regularidades enunciativas desses gêneros.

Do ponto de vista didático-avaliativo, Santos e Timbane (2020) evidenciam que “a inclusão da oralidade na escola exige critérios para avaliação, bem como, nas sequências didáticas que articulem compreensão, produção e retextualização oral/escrita”. Nessa vertente, as práticas avaliativas reforçam os vieses normativos que não consideram a diversidade sociolinguística dos alunos.

Estudos brasileiros recentes ampliam e atualizam essas discussões, dos quais, Pinho (2023, p. 31) ressalta que,

apesar da BNCC e outros documentos oficiais que valorizem a oralidade, há lacunas entre prescrições curriculares e práticas em sala de aula, assim como, nas pesquisas empíricas apontam necessidade de formação continuada que capacite a trabalhar gêneros orais com intencionalidade pedagógica.

Argumenta-se, portanto, conforme Amaral (2024, p. 104.) que,

ao consolidar a oralidade como eixo do ensino de língua não é apenas introduzir atividades orais, mas sim, reconfigurar as sequências didáticas, materiais e formas de avaliação para reconhecer a oralidade como competência crítica, argumentativa e performativa, capaz de articular voz, corpo e contextos sociais.

Nessa reconfiguração, a oralidade passa a contribuir para a formação de sujeitos com maior capacidade de atuação cidadã e profissional. Assim, as pesquisas recentes indicam caminhos que buscam uma formação inicial centrada em gêneros orais, na produção de materiais didáticos e na avaliação da oralidade com critérios claros e contextualizados. Portanto, os estudos sobre oralidade no Brasil apontam para uma agenda que articula teoria, formação docente e novidade curricular, dos quais, torna-se indispensável que a escola e a universidade cumpram seu papel de desenvolver competências comunicativas plenas.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Natureza e tipo da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois visa compreender a importância da oralidade no contexto acadêmico, sua influência na comunicação eficaz e no desempenho acadêmico de estudantes de ensino superior. Segundo Gil (2019, p. 76), “a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para o estudo de fenômenos sociais complexos, permitindo uma análise profunda das experiências e significados atribuídos pelos participantes”.

Para isso, também é utilizada a pesquisa bibliográfica, que visa fornecer o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento deste estudo. Esta consiste na análise crítica de livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e documentos oficiais que tratam a importância da oralidade e da comunicação oral. Como destaca Marconi e Lakatos (2009, p. 57):

A pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, dentre outros, até mesmo, diante de comunicação oral mediante rádios, gravações de áudio e audiovisual, como por exemplo, filmes e televisão.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica forneceu o embasamento necessário para compreender o fenômeno da oralidade sob a perspectiva de diferentes autores. Por meio dela, foi possível comparar diferentes tipos de documentários e chegar a conclusões distintas a partir de um contexto específico de análise.

Foi realizada ainda a pesquisa de campo com o intuito de coletar dados relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2018, p. 75-76):

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese buscando comprovação e descobrindo realidades e relacionamentos entre os contextos.

Portanto, compreende-se que a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, especialmente quando se busca compreender a importância da oralidade no contexto acadêmico.

### 3.2 *Corpus* da pesquisa

Nesta pesquisa, o público-alvo foram os discentes do 6º período, regularmente matriculados no Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola do Instituto de Natureza e Cultura (INC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A escolha se deu pelo fato de que os alunos, ao chegarem a esse estágio da graduação, já tiveram contato com uma série de componentes curriculares que exigem, de forma sistemática, a utilização da comunicação oral em situações acadêmicas formais, como seminários.

Dessa forma, entende-se que estes discentes possuem vivências acumuladas que lhes permitem refletir de forma mais crítica e consciente sobre suas próprias práticas comunicativas, especialmente sobre as dificuldades e os desafios enfrentados nesse processo de exposição oral.

#### 3.2.1 Forma de abordagem dos participantes da pesquisa

Em um primeiro momento, o recrutamento dos participantes foi realizado por meio da identificação dos alunos do 6º período de Letras que tivessem a prática de seminário prevista em uma disciplina ministrada no 2º semestre de 2025. Posteriormente, houve o contato da pesquisadora com a docente responsável pela disciplina selecionada, a fim de apresentar os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e a solicitação da autorização para realizar a pesquisa em sala de aula. Após a anuência da docente, a pesquisadora confirmou a participação dos discentes na pesquisa pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### 3.2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Para o critério de inclusão, o participante da pesquisa deveria estar regularmente matriculado no 6º período do Curso Letras (segundo semestre de 2025). Além disso, precisaria ter vivenciado, durante a graduação, pelo menos uma experiência formal de apresentação de seminário acadêmico e ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quanto à exclusão, foram estabelecidos os seguintes critérios: i) discentes que não estiveram em sala de aula no dia da realização da coleta de dados não foram considerados nesta pesquisa; ii) alunos que não participaram da atividade de

seminário; e iii) aqueles que não assinaram o TCLE ou desistiram de participar da pesquisa, mesmo após a assinatura do termo.

### 3.3 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um roteiro de entrevistas, que permitiu captar percepções sobre os aspectos da oralidade e o processo comunicativo. Optou-se por esse instrumento devido a sua flexibilidade ao explorar em profundidade o presente tema de estudo, conforme apontam Minayo (2017) e Gil (2019) em suas discussões sobre metodologias qualitativas.

Para Minayo (2017), “a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador explorar temáticas emergentes durante a conversa, proporcionando uma visão mais rica e detalhada do fenômeno de estudado”. O roteiro de entrevista foi composto por seis questões norteadoras, elaboradas de forma a possibilitar uma investigação sobre a temática, conforme a seguir:

01- Como você avalia sua habilidade de comunicação oral em situações acadêmicas (apresentações, seminários etc.)?

02 - Quais são as principais dificuldades ou desafios que você enfrenta ao se comunicar oralmente em situações acadêmicas?

03- Quais metodologias docentes se mostram mais eficazes para desenvolver a competência oral em alunos de curso de Letras?

04- Você acredita que sua formação na educação básica contribuiu adequadamente para o desenvolvimento na sua comunicativa oral? Por quê?

05- De que forma você percebe que as dificuldades na oralidade impactam no seu desempenho acadêmico?

06- Como a comunicação oral pode influenciar suas oportunidades profissionais futuras?

A respeito dessa primeira etapa, o procedimento de realização das entrevistas com os estudantes acerca da oralidade foi planejado de forma a garantir a coleta de dados relevantes e a participação espontânea dos entrevistados. Como observado, o roteiro apresentou perguntas relacionadas ao tema desta pesquisa, como a importância da oralidade na formação acadêmica, as experiências dos estudantes com apresentações orais e as dificuldades enfrentadas durante os seminários. As entrevistas foram agendadas de

acordo com a disponibilidade dos participantes e realizadas nas dependências do INC/UFAM.

Durante as entrevistas, cada estudante foi informado sobre os objetivos da pesquisa, garantindo-se o anonimato e o uso ético das informações coletadas<sup>1</sup>. O diálogo foi conduzido de forma flexível, permitindo que os participantes expressassem livremente suas percepções e experiências sobre a oralidade no contexto acadêmico. As respostas foram gravadas, mediante autorização prévia, e posteriormente transcritas para análise qualitativa.

Após a entrevista, foram realizadas as observações dos alunos na prática de seminário. Nesse caso, foi selecionada uma disciplina do curso de Letras vigente no período de realização da pesquisa, que contemplasse a atividade do seminário. Essa etapa permitiu mapear os comportamentos associados à comunicação oral apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1** - Meios não-linguísticos da comunicação oral

<b>Meio para linguístico</b>	<b>Meios cinésicos</b>	<b>Posição locutores</b>	<b>Aspecto exterior</b>	<b>Disposição dos lugares</b>
Qualidade de voz	Atitudes corporais	Ocupação de lugares	Roupas	Lugares Disposição
Melodia	Gestos	Espaço pessoal	Disfarces	Iluminação Disposição das cadeiras
Elocução e pausas	Troca de olhares	Distância	Penteado	Ordem Ventilação Decoração
Respiração	Mímicas faciais	Contato físico	Óculos	
Risos			Limpeza	
Suspiros				

**Fonte:** Schneuwly e Dolz (2004, p. 134).

O Quadro 1 funcionou como guia visual para a análise dos diferentes aspectos que influenciam a eficácia da comunicação verbal. Ele categoriza os indicadores em três áreas principais que é: o meio linguístico (aspectos verbais), os meios cinésicos (linguagem

<sup>1</sup> É importante salientar que este estudo foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), sob o código CAAE: 92191725.7.0000.5020 (Anexo A).

corporal) e a disposição do local e dos locutores (aspecto ambiental e visual). Essa estrutura permite uma avaliação mais completa e sistemática da comunicação oral, considerando tanto os elementos verbais quanto os não-verbais, e o contexto em que a comunicação ocorre.

Posteriormente, foi realizada a organização de todo o conteúdo coletado, de forma sistemática, para poder realizar a interpretação dos dados e a elaboração das considerações finais do trabalho.

### 3.4 Análise de dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Esta técnica permitiu organizar, categorizar e interpretar os discursos dos entrevistados, possibilitando a identificação de padrões, tendências e especificidades nas experiências relatadas.

O objetivo central foi compreender como sujeitos da pesquisa percebem suas próprias habilidades de comunicação oral, bem como as influências que essas competências exercem em seu desempenho acadêmico e na sua formação. Com base na metodologia proposta, apresenta-se o processo de análise da pesquisa que seguiu três etapas fundamentais, interligadas e sequenciadas.

Pré-análise: foi realizada a partir da transcrição das entrevistas e sistematização das observações registradas no Quadro 1. Em seguida, ocorreu a imersão no material para a apreensão das recorrências, semelhanças e diferenças apresentadas pelos estudantes no aspecto da oralidade. Esse procedimento possibilitou a identificação de padrões e divergências nas falas dos entrevistados, contribuindo para uma compreensão mais ampla sobre o desenvolvimento das habilidades orais e sua relevância para a formação profissional.

Análise (criação de categorias): nesta etapa foram desenvolvidas as categorias temáticas, a partir da codificação dos dados, agrupando as unidades de significado que emergem dos discursos dos participantes. As categorias foram construídas com base nos eixos temáticos que surgiram das respostas, como “habilidade na comunicação oral”, “as principais dificuldades ou desafios”, “percepção da oralidade na formação profissional”.

Nessa parte, explica-se que os procedimentos de análise de dados da pesquisa bibliográfica e das entrevistas seguiram uma abordagem qualitativa, permitindo compreender de forma aprofundada as percepções e significados atribuídos à oralidade

pelos estudantes. Inicialmente, foi realizada a leitura das fontes teóricas selecionadas, buscando identificar conceitos, abordagens e contribuições relacionadas à oralidade no ensino superior. Esse levantamento teórico serviu como base para a elaboração das categorias analíticas e para o estabelecimento de relações entre o referencial teórico e as falas dos entrevistados. Assim, a análise bibliográfica possibilitou construir um panorama conceitual que orientou a interpretação dos dados empíricos.

Na etapa de análise das entrevistas, as transcrições foram submetidas a um processo de codificação e categorização, a partir do qual emergiram eixos temáticos representativos das ideias e percepções recorrentes entre os participantes. Esses eixos foram construídos com base na frequência e relevância dos discursos, permitindo a sistematização e interpretação dos dados, a partir dos aspectos do papel da oralidade na formação acadêmica e as dificuldades comunicativas enfrentadas pelos estudantes. Dessa forma, o procedimento analítico possibilitou uma articulação coerente entre teoria e prática, revelando a importância da oralidade como instrumento formativo e avaliativo no processo de ensino-aprendizagem.

Interpretação e análise dos dados: os dados foram analisados à luz do referencial teórico adotado, buscando interpretar as informações e correlacionando-as com os pressupostos da pesquisa. Esse percurso metodológico visou garantir a fidedignidade, a coerência dos resultados, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a importância da oralidade na formação acadêmica dos estudantes de Letras e seus impactos na trajetória acadêmica e profissional.

Nesta última etapa, o procedimento de interpretação dos dados da pesquisa sobre a importância da oralidade foi conduzido de forma criteriosa, com o intuito de garantir fidedignidade, coerência e profundidade analítica nos resultados. Após a organização e categorização dos dados coletados nas entrevistas e na pesquisa bibliográfica, iniciou-se a etapa interpretativa, pautada na leitura comparativa entre os referenciais teóricos e as falas dos participantes. Essa análise buscou identificar convergências, divergências e nuances presentes nas percepções dos estudantes, assegurando que a interpretação fosse fundamentada em evidências e não em impressões subjetivas. Por essa razão, foram adotados critérios de validação interna, como a triangulação de informações e a revisão dos registros transcritos e das interpretações. Dessa forma, o processo interpretativo permitiu alcançar uma reflexão crítica sobre o papel da oralidade na formação acadêmica,

revelando sua relevância como prática comunicativa essencial para o desenvolvimento intelectual, social e profissional dos estudantes.

## 4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Habilidade de comunicação oral em situações acadêmicas

Os dados apresentados nesta seção visaram analisar as habilidades de comunicação oral, as dificuldades ou desafios enfrentados durante a prática do seminário e as percepções dos discentes do 6º período Letras acerca da oralidade. Para uma melhor organização das respostas, elaboram-se quadros para facilitar a análise qualitativa dos resultados. Nesse sentido, o Quadro 2 apresenta as respostas dos discentes acerca da primeira pergunta.

#### Quadro 2 – Entrevista: parte I

<p><b>Pergunta 01.:</b> Como você avalia sua habilidade de comunicação oral em situações acadêmicas (apresentações, seminários etc.)?</p>
<p><b>Participante 1:</b> <i>a minha habilidade na oratória é muito boa, consigo me comunicar bastante, assim que seja necessário falar e no momento certo.</i></p>
<p><b>Participante 2:</b> <i>minha oralidade em situações acadêmicas é boa, mas não tanto como gostaria.</i></p>
<p><b>Participante 3:</b> <i>eu autoavalio, com um desempenho muito baixo, abaixo do desejado que uma apresentação que seja oralmente necessita.</i></p>
<p><b>Participante 4:</b> <i>ansiosa, nervosismo, inquietação e eu cobro muito.</i></p>
<p><b>Participante 5:</b> <i>Nervosismo, fico sem falar.</i></p>
<p><b>Participante 6:</b> <i>Boa, possuo facilidade em me comunicar.</i></p>
<p><b>Participante 7:</b> <i>Acho que comunico bem, mas as vezes fico um pouco nervosa diante do público.</i></p>
<p><b>Participante 8:</b> <i>Avalio que ainda tenho dificuldade e o fico nervoso, falo rápido e pouco e as vezes esqueço partes importante do conteúdo</i></p>
<p><b>Participante 9:</b> <i>Boa, ainda fico um pouco nervosa. Mas consigo apresentar.</i></p>
<p><b>Participante 10:</b> <i>Avalio minha habilidade de comunicação por meio do entendimento do conteúdo. Se não compreendo o assunto, não consigo falar sobre ele.</i></p>
<p><b>Participante11:</b> <i>Nas apresentações acadêmicas, considero minha habilidade de comunicação razoável, que precisa ainda ser desenvolvida.</i></p>
<p><b>Participante 12:</b> <i>Avalio como em desenvolvimento, consigo me expressar bem na maioria das vezes, mas ainda sinto certa insegurança em apresentações diante de um público maior. As vezes costumo ter um bom desempenho.</i></p>
<p><b>Participante 13:</b> <i>Nervosismo.</i></p>
<p><b>Participante 14:</b> <i>A minha habilidade de comunicação oral é um pouco difícil de me expressar.</i></p>

**Participante 15:** *provavelmente avalio de maneira como eu poderia falar corretamente a língua portuguesa, como ainda não tenho muita habilidade, ou seja, fluente, pretendo praticar mais a falar oralmente, fazer leitura etc.*

**Fonte:** elaborado pela autora (2025).

Ao analisar as respostas dos participantes, foi possível verificar que grande parte dos discentes avalia sua comunicação oral no contexto acadêmico como “boa”. Essa autoavaliação positiva é justificativa pela facilidade em se comunicar e pelo entendimento do conteúdo, conforme expresso pelo participante 1 “*a minha habilidade na oratória é boa, consigo me comunicar bastante, assim que seja necessário falar e no momento certo*”. Essa afirmação demonstra autoconfiança em sua habilidade de oratória, destacando a capacidade de se comunicar de forma eficaz oportuna. Isso sugere uma experiência positiva com a comunicação oral em situações acadêmica e um bom domínio das técnicas de oratória. O participante 2 diz: “*minha oralidade em situações acadêmica é boa, mas não tanto como gostaria*”. Embora apresente uma avaliação positiva, há ressalvas, indicando que sua oralidade, apesar de boa, ainda almeja um desempenho superior. Enquanto o participante 6 afirma: “*Boa, possuo facilidade em me comunicar*”, e o participante 10: “*Avalio minha habilidade de comunicação por meio do entendimento do conteúdo. Se não compreendo o assunto, não consigo falar sobre ele*”.

Provavelmente, a comunicação oral “boa” se baseia em critérios de eficácia comunicativa básica e no domínio do conteúdo. O foco no conteúdo, na estrutura do trabalho e na forma que está sendo organizado proporciona a organização de critérios formais de avaliação de seminários, destacando a clareza, a estrutura e a coerência da apresentação dos resultados. Pesquisas na área de gêneros orais, como as baseadas nos trabalhos de Dolz e Schneuwly (2004), enfatizam que o sucesso em um gênero como o seminário está ligado à mobilização de capacidades discursivas adequadas. Ou seja, a percepção positiva pode indicar a crença de que os participantes conseguiram cumprir o propósito comunicativo de expor um tema com clareza.

A autoavaliação positiva também se relaciona diretamente com a autopercepção da própria habilidade. Pessoas que se veem como bons comunicadores tendem a avaliar melhor o seu desempenho em público. Estudos, como os citados em Pantuza *et al.* (2020) e Marinho *et al.* (2020), mostram que a autopercepção comunicacional positiva e a autopercepção de menor timidez estão associadas a uma autoavaliação mais favorável em

relação a apresentações em público. Para esse grupo, o ato de falar em público pode não ser visto como uma barreira significativa.

Porém, alguns discentes enfrentam dificuldades significativas. O nervosismo e a insegurança foram os principais sentimentos relatados, como exemplificado pela fala do participante 4: “*ansiosa, nervosismo, inquietação e eu cobro muito*”. Em relação aos sentimentos de ansiedade, nervosismo e inquietação, outro participante como o Participante 3, autoavalia seu desempenho como “*muito baixo do desejado que uma apresentação que seja oralmente necessita*”. Enquanto o participante 5 menciona ficar sem falar devido ao nervosismo, os participantes 7 e 9 também mencionam sentir nervosismo diante do público, embora consigam se comunicar

O grupo que avalia sua comunicação oral como “ruim” pode estar mais focado em aspectos paralinguísticos, elementos não verbais ou na ansiedade vivenciada durante a apresentação. A avaliação negativa frequentemente é impulsionada pelo medo de falar em público (glossophobia), que afeta o desempenho e a autopercepção. Fatores como a voz, a dicção, a postura, o contato visual e o controle emocional são cruciais para a comunicação oral, mas frequentemente ignorados no treinamento.

Outro fator a ser considerado é a ansiedade, sendo bastante estudado por autor como Breakey (2005) e mesmo estudos brasileiros como o de Almeida *et al.* (2011) e o de Osório *et al.* (2012). A validação de escalas de ansiedade em universitários demonstra a correlação entre a ansiedade e a redução do desempenho comunicativo e o consequente impacto na autoavaliação. Nesse viés, uma comunicação pode ser percebida como “ruim” mesmo com bom conteúdo, se a ansiedade afetar a fluência ou a expressividade.

Em contextos acadêmicos, a comunicação oral não é apenas a transmissão de informações, mas um ato de interação. A avaliação negativa pode estar ligada à dificuldade em lidar com perguntas, o *feedback* ou a necessidade de adaptar a linguagem ao público. Considerando esses fatores, a avaliação da oralidade deve ir além dos aspectos formais da língua, englobando elementos não linguísticos como mímicas faciais, posturas e a gestualidade do corpo (conforme apontam estudos baseados em Marcuschi (2010), Dolz *et al.* (2010). A falha na percepção ou no uso desses recursos, essenciais na interação comunicativa, pode levar à insatisfação com a performance geral.

#### 4.2 Dificuldade e desafios enfrentados pelos discentes durante a comunicação oral

O Quadro 3 traz as principais dificuldades e desafios dos discentes do Curso de Letras quanto à comunicação oral. A comunicação oral, embora essencial na formação acadêmica, revela-se um campo minado de desafios para discentes do Curso de Letras, conforme exposto a seguir.

#### Quadro 3 – Entrevista: parte II

2 Quais as principais dificuldades ou desafios que você enfrenta ao se comunicar oralmente em situações acadêmicas?

**Participante 1:** *primeiramente enquanto não tenho domínio do assunto, não consigo me expressar. Outro ponto a timidez em algumas ocasiões também é um desafio.*

**Participante 2:** *As dificuldades tornam-se o nervosismo e a pressa em terminar de falar sobre determinado conteúdo.*

**Participante 3:** *Talvez o julgamento do público.*

**Participante 4:** *a minha maior dificuldade em se expressar é no domínio de conteúdo, pois o nervosismo contribui para que minha apresentação seja baixa.*

**Participante 5:** *nervosismo*

**Participante 6:** *normalmente em algumas disciplinas fico nervoso pela parte de alguns assuntos serem complexos.*

**Participante 7:** *sinto insegurança, medo de esquecer o conteúdo e dificuldade em controlar a ansiedade.*

**Participante 8:** *minhas principais dificuldades são controlar a ansiedade, organizar as ideias durante a fala e o medo de esquecer algumas partes do conteúdo.*

**Participante 9:** *o nervosismo, quando estão todos me olhando isso me deixa muito nervosa.*

**Participante 10:** *as principais dificuldades que enfrenta são medo de errar nas palavras e fugir do tema, ou seja, acabar falando sobre assuntos que não tem relação com o conteúdo proposto.*

**Participante 11:** *minha dificuldade gira em torno do nervosismo, que geralmente incorreto esquecimento dos conteúdos estudados.*

**Participante 12:** *nervosismo, medo de esquecer alguns pontos, ansiedade, evitar repetição das palavras.*

**Participante 13:** *o julgamento do público.*

**Participante 14:** *não tem dificuldade, mas tem nervosismo durante nas apresentações de trabalho.*

**Participante 15:** *desafio de Insegurança de falar, as vezes tenho medo de que eu erre de pronunciar uma palavra corretamente e outra pessoa rir. Poucas dificuldades, mas o que me causa dificuldade é o nervosismo.*

**Fonte:** elaborado pela autora (2025).

Falando sobre as dificuldade e desafios dos alunos, o nervosismo emerge como principal dificuldade relatada pelos discentes, como evidenciado na fala do participante 1 *“primeiramente enquanto não tenho domínio do assunto, não consigo me expressar. Outro ponto a timidez em algumas ocasiões também é um desafio”*. Outro ponto a ser considerado é que a timidez, em algumas ocasiões, também é um desafio, conforme participante 2: *“As dificuldades tornam-se o nervosismo e a pressa em terminar de falar sobre determinado conteúdo”*. Além disso, os participantes 3 e 13 relataram a questão do julgamento do público. *“Talvez o julgamento do público: “as dificuldades tornam-se o nervosismo e a pressa em terminar de falar sobre determinado o conteúdo”*, assim como o participante 5. As outras dificuldades mencionadas incluem o domínio do assunto, a timidez e o julgamento do público, como apontado pelo participante 4: *“a minha maior dificuldade em se expressar é no domínio de conteúdo, pois o nervosismo contribui para que minha apresentação seja baixa”*.

O medo de falar em público é reconhecido globalmente como um dos temores mais comuns e, no ambiente universitário, ele assume uma relevância crítica devido à exigência constante de apresentações orais, como seminários, defesas de TCCs e trabalhos em grupo. Já o nervosismo e a insegurança na comunicação oral em seminários são mais do que simples timidez. Eles frequentemente se enquadram em um subtipo do Transtorno de Ansiedade Social (ou Fobia Social) ou em altos níveis de estresse. Marinho *et al.* (2019) e Osório, Crippa e Loureiro (2012) afirmam que, o medo de se expor para um público é prevalente na população mundial e universitária, devido à autopercepção negativa do sujeito a respeito da sua voz, em suas poucas participações na comunicação oral e principalmente pela esquiva de se expor frente a situações sociais.

Isso sugere que a insegurança é alimentada pela autoavaliação negativa, pois o estudante acredita que sua voz ou performance são insuficientes. Logo, isso se manifesta como um comportamento de esquiva, ou seja, evita seminários e/ou participa minimamente, perpetuando o ciclo do nervosismo.

Pereira e Lourenço (2012) e Figueiredo e Barbosa (2008) destacam os sintomas físicos e cognitivos de estudantes universitários antes e/ou durante as apresentações. Os participantes revelam que durante as apresentações acadêmicas sentiram nervosismo, medo do julgamento do público, desejo de fuga e insegurança quanto à avaliação dos outros. Essa insegurança está profundamente ligada ao medo de ser julgado ou mal avaliado. A expectativa de crítica negativa (avaliação negativa antecipada) é um fator cognitivo central que desencadeia as respostas autonômicas (tremor, taquicardia) e o desejo de fuga, características do nervosismo.

Embora a citação de Goleman (2009, p. 112) no contexto das pesquisas seja mais antiga, a ideia central sobre a vergonha é atemporal e relevante “a vergonha pode abalar a autoestima, tornando os indivíduos menos expostos a assumir desafios que envolvam exposição pública.”. Esse perfeccionismo acadêmico, somado à insegurança, transforma a possibilidade de erro em um evento socialmente catastrófico, intensificando o nervosismo. A pressão por um desempenho impecável é um estressor adicional.

As pesquisas atuais não apenas realizam o diagnóstico do problema, mas também apontam para a importância de intervenções para aprimorar a comunicação oral e reduzir a ansiedade. Os trabalhos de Oliveira e Duarte (2004) mostram que programas de aprimoramento das habilidades de comunicação oral, com foco na Fonoaudiologia e Terapia Comportamental/Cognitiva, podem ser eficazes. O estudo fonoaudiológico aponta que o foco deve estar no aprimoramento das habilidades de comunicação (expressividade vocal, respiração, comunicação não verbal) para que o indivíduo obtenha autoconfiança e, conseqüentemente, observe uma diminuição na percepção dos fatores de medo e ansiedade.

#### 4.3 As práticas metodológicas utilizadas para o desenvolvimento da competência oral

O Quadro 4 apresenta as principais metodologias empregadas pelos docentes para o desenvolvimento da competência oral nos alunos do curso de letras, evidenciando as práticas mais recorrentes no processo formativo. A partir das respostas dos participantes,

é possível observar que determinadas estratégias aparecem como maior frequência, indicando uma preferência metodologias relacionados à eficácia percebida pelos docentes.

#### Quadro 4 – Entrevista: parte III

Questão 3. Quais metodologias docentes se mostram mais eficazes para desenvolver a competência oral em alunos de curso de Letras?

**Participante 1:** *os seminários são uma forma bastante útil para desenvolver as habilidades orais, além de fazer rodas de conversas, fazer perguntas oralmente sobre o conteúdo estudado.*

**Participante 2:** *acredito que a criação de projetos e atividades voltados para o desenvolvimento da competência oral possam servir como auxílio nesse processo.*

**Participante 3:** *apresentações, debates, rodas de conversas e dramatização, leitura em voz alta, discussão em grupo que favorecem o desenvolvimento da oralidade.*

**Participante 4:** *prática de leitura.*

**Participante 5:** *leitura oral, escrita, seminário e debates.*

**Participante 6:** *apresentações de seminário e oficinas discursivas.*

**Participante 7:** *apresentações em grupo, debates, e leitura em voz alta.*

**Participante 8:** *roda de conversa e debates.*

**Participante 9:** *as rodas de conversas, algo que mais descontraindo, permitindo que o aluno expresse sua oratória.*

**Participante 10:** *apresentações, como seminário, escrita e leitura.*

**Participante 11:** *a conversação em sala de aula, grupo de estudo.*

**Participante 12:** *debate, dramatização, rodas de conversas, trabalho em grupo e leitura em voz alta.*

**Participante 13:** *dinâmicas, rodas de conversas e leitura.*

**Participante 14:** *práticas e interativas, como por exemplo, debate.*

**Participante 15:** *metodologias que considero mais eficaz é o seminário, nele perdemos a vergonha, nervosismo.*

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Dos 15 participantes, 7 relataram que o principal meio metodológico para ajudar no aprimoramento da oralidade é o seminário. Assim como relatados pelos participantes 1, 6 e 10 “os seminários são uma forma bastante útil para desenvolver as habilidades orais, além de fazer rodas de conversas, fazer perguntas oralmente sobre o conteúdo estudado.”, “apresentações de seminário e oficinas discursivas” e “apresentações, como seminário, escrita e leitura”.

O seminário acadêmico é considerado uma das metodologias docentes mais eficazes para o aprimoramento da competência oral em alunos de Letras por sua natureza de gênero discursivo formal e institucionalizado. Ele atua como uma ponte entre a oralidade cotidiana e as exigências comunicativas da vida acadêmica e profissional, sendo o principal veículo para que o aluno transite da informalidade para a formalidade da exposição pública.

O seminário (ou exposição oral) é classificado como um gênero oral público do domínio discursivo instrucional, cuja finalidade é desenvolver e partilhar conhecimentos, permitindo ao expositor e ao público discutir sobre o tema (Marcuschi, 2008). Sua força reside em ser uma atividade que, quando bem planejada, não é apenas uma técnica de repetição, mas um evento comunicativo que exige pesquisa, organização e interação.

Leal, Miranda e Nova (2018, p. 74) afirmam também que “o seminário é uma técnica de ensino socializado, na qual os alunos se reúnem em grupo com o objetivo de estudar e investigar um ou mais temas, sob a direção do professor.” Para alunos de Letras, o seminário é essencial porque força o estudante a superar a “oralidade cotidiana” e a utilizar a norma-padrão em situações de exposição e debate, que exigem rigor e adequação linguística. Silva (2011) diz que o seminário tira o aluno de sua “zona de conforto”, exigindo que ele expanda sua produção oral para além das situações informais. Existem também outros gêneros orais com o objetivo de desenvolver a capacidade de o discente adequar sua fala a diferentes situações sociais como, debate e rodas de conversas, conforme relatado pelo participante 8 “roda de conversa e debates”. Marcuschi (2005) diz que não se trata de ensinar a falar, mas de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua.

#### 4.4 A educação básica e o desenvolvimento da comunicação oral

O Quadro 5 investiga a percepção dos discentes sobre a contribuição de sua formação na educação básica para o desenvolvimento da comunicação. A partir dessas respostas, exploraram-se as diferentes perspectivas dos discentes sobre o papel da educação básica no desenvolvimento oral, considerando tanto os aspectos positivos quanto as possíveis lacunas.

#### Quadro 5 – Entrevista: parte IV

Questão 4. Você acredita que sua formação na educação básica contribui adequadamente para o desenvolvimento na sua comunicativa oral? Por quê?

**Participante 1:** *sim, na educação básica os alunos aprendem mais e melhor, no meu caso não tive muitas oportunidades de me expressar oralmente, porque a professora não tomava atitude.*

**Participante 2:** *sim, pois saber falar de acordo com a gramática normativa ajuda/ auxilia na comunicação oral. Uma vez que é a norma padrão de língua exigida pela sociedade.*

**Participante 3:** *acredito apenas parcialmente, pois na educação básica houve poucas oportunidades de trino da comunicação oral, em muitos momentos a ênfase estava mais na escrita do que fala.*

**Participante 4:** *não, no meu caso a educação não contribuiu para o desenvolvimento na oralidade, porque os professores não cobravam para a prática dos alunos em apresentações de trabalhos.*

**Participante 5:** *sim, porque através dela podemos ter conhecimento sobre o assunto para poder se expressar bem e comunicar no meio social.*

**Participante 6:** *não houve tanta eficácia quanto eu esperava, mas contribuiu de forma razoável.*

**Participante 7:** *em parte sim, aprendi apresentar trabalho, mas faltaram atividades mais práticos.*

**Participante 8:** *não muito, na escola básica havia poucas oportunidades para fala. A maioria trabalho era escrita.*

**Participante 9:** *não contribuiu em nada, na educação básica ano tenhamos muitos trabalhos que desenvolvesse a comunicação oral.*

**Participante 10:** *não tive muitas oportunidades de praticar a oralidade, como seminários, debates ou discussões.*

**Participante 11:** *não, porque raramente os professores trabalhavam a oralidade em sala.*

**Participante 12:** *sim, mas faltaram atividades mais direcionados para trabalhar oratório.*

**Participante 13:** *sim, pois um profissional da educação requer um bom desenvolvimento comunicativo.*

**Participante 14:** *sim, porque minha formação na básica só tem trabalho em grupos para ter uma comunicação oral.*

**Participante 15:** *sim, um pouco. Porque eu estudava na cidade e praticava leitura e isso me ajudou um pouco a ter um pouco de habilidade em português.*

**Fonte:** elaborado pela autora, (2025).

As respostas revelam uma percepção mista. Algumas discentes acreditam que sim, como relatado pelo participante 2 “*sim, pois saber falar de acordo com a gramática normativa ajuda/ auxilia na comunicação oral. Uma vez que é a norma padrão de língua exigida pela sociedade.*” Além disso, o participante 5 complementa: “*sim, porque através dela podemos ter conhecimento sobre o assunto para poder se expressar bem e comunicar no meio social.*” No entanto, a participante 12 relata: *sim, mas faltaram atividades mais direcionados para trabalhar oratório.* Em concordância, o participante 13 afirma: *sim, pois um profissional da educação requer um bom desenvolvimento comunicativo.* Ademais, a participante 14 completa: *sim, porque minha formação na básica só tem trabalho em grupos para ter uma comunicação oral.*

A percepção de que a Educação Básica (EB) contribuiu adequadamente é um dado importante, mas precisa ser interpretado em um contexto mais crítico. Olhando pelo ponto de vista otimista (que foi a citada por 8 participantes da pesquisa), a percepção majoritária de contribuição positiva provavelmente se deve a dois fatores importantes. O primeiro refere-se à oralidade como prática social cotidiana, pois o aluno entende a oralidade como a capacidade de comunicação diária e interação social. Nesse sentido, a escola, ao incentivar debates, trabalhos em grupo e apresentações de conteúdo (mesmo que de forma assistemática), naturalmente aprimorou suas habilidades básicas de interação. Marcuschi (2010) citado por Oliveira (2022), afirma que a oralidade é desenvolvida e colocada em prática nas relações sociais do cotidiano, as quais se iniciam desde o nascimento. Nesse

caso, temos uma escola que, dentro de sua especificidade, buscou desenvolver práticas de oralidades voltadas para a vida cotidiana do aluno.

O segundo fator é o reconhecimento curricular, mais especificamente a Base Nacional Comum Curricular, que inclui a oralidade como um eixo de competências na área de Linguagens, reforçando que a EB deve trabalhar com práticas de linguagem permeadas pela oralidade. O aluno percebe, portanto, que a escola se preocupou em algum grau com sua capacidade de expressão.

Em contrapartida, a maioria dos discentes relata que a educação básica não contribuiu de forma significativa para desenvolvimento da oralidade, devido à falta de oportunidades de prática e à ênfase de que a escola não atende aos requisitos dos gêneros da oralidade, relatados pelos participantes 8: *não muito, na escola básica havia poucas oportunidades para fala. A maioria trabalho era escrita.* Participante 9: *não contribuiu em nada, na educação básica ano tenhamos muitos trabalhos que desenvolvesse a comunicação oral.* Participante 10: *não tive muitas oportunidades de praticar a oralidade, como seminários, debates ou discussões.* Participante 11: *não, porque raramente os professores trabalhavam a oralidade em sala.*

A principal crítica é que a EB, em geral, não oferece um ensino sistematizado da oralidade como objeto de estudo, tratando-a apenas como um meio de avaliação de conteúdo. Schneuwly e Dolz (2004, p. 150) afirmam que:

O ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado. Os meios didáticos e as indicações metodológicas são relativamente raros; a formação dos professores apresenta importantes lacunas.

Essa lacuna sugere que, embora o aluno sinta que “fala bem” (oralidade informal), ele carece de ferramentas conceituais para dominar os gêneros orais (seminário, palestra, defesa de trabalho), que são cruciais no ensino superior e na vida profissional.

A percepção de que os professores não trabalhavam a oralidade decorre, principalmente, da ausência de uma metodologia clara e sistematizada, e não necessariamente de má vontade do professor. A oralidade é um tema recente nos currículos de formação inicial. Muitos professores não receberam formação específica para ensinar a oralidade na perspectiva dos gêneros discursivos, porque eles tendem a vê-la apenas como “deixar o aluno falar” ou “corrigir erros gramaticais na fala”.

Quando o professor intervém na oralidade, muitas vezes o foco recai sobre a correção de desvios da norma culta (os chamados “erros”), e não no desenvolvimento de

capacidades interacionais, como a articulação de ideias, a gestão da palavra e o uso de recursos não verbais. Desse modo, é importante que os professores incentivem os alunos a se expressarem de forma autêntica e significativa, em vez de apenas focar na correção gramatical ou na norma culta.

#### 4.5 Dificuldade na oralidade no desempenho acadêmico

O Quadro 6 explora a percepção dos discentes sobre como as dificuldades na oralidade impactam seu desempenho acadêmico. A partir dos relatos dos participantes, pode-se analisar como as dificuldades na comunicação oral influenciam o rendimento dos alunos em diferentes aspectos de sua vida acadêmica.

#### Quadro 6 – Entrevista: parte V

Questão 5. De que forma você percebe que as dificuldades na oralidade impactam no seu desempenho acadêmico?

**Participante 1:**

**Participante 2:** *impedem de mostrar o meu potencial o meu esforço.*

**Participante 3:** *percebo que a minha dificuldade na oralidade pode prejudicar a clareza das minhas apresentações, isso as vezes faz com que eu não consiga transmitir o conteúdo da minha forma.*

**Participante 4:** *percebo na hora de apresentar os trabalhos na frente, com grande receio de que os próprios alunos riem da minha fala.*

**Participante 5:** *nas apresentações de seminário.*

**Participante 6:** *quando fico nervoso geralmente os assuntos me fogem e acabo esquecendo de falar alguns assuntos.*

**Participante 7:** *as vezes atrapalham minhas notas em apresentações e reduzem minha confiança.*

**Participante 8:** *no momento das apresentações de trabalhos e seminários.*

**Participante 9:** *apenas no 1º e 2º período que tenho bastante dificuldade.*

**Participante 10:** *por meio da avaliação da professora.*

**Participante 11:** *nas notas dos seminários.*

**Participante 12:** *exposições em apresentações.*

**Participante 13:** *na hora de apresentação de seminário.*

**Participante 14:** *na compressão de conteúdo.*

**Participante 15:** *as vezes errando algumas pronúncias de palavras.*

**Fonte:** elaborado pela autora (2025).

Os alunos relatam que as dificuldades na oralidade podem prejudicar a clareza das apresentações, gerar insegurança e afetar as notas como expressa o participante 3: *“percebo que a minha dificuldade na oralidade pode prejudicar a clareza das minhas apresentações, isso as vezes faz com que eu não consiga transmitir o conteúdo da minha forma.”* e o participante 7 complementa, dizendo: *“as vezes atrapalham minhas notas em apresentações e reduzem minha confiança.”*. De forma similar, o participante 4: *“percebo na hora de apresentar os trabalhos na frente, com grande receio de que os próprios alunos riem da minha fala.”*

A clareza é a principal medida de eficácia em um seminário. Quando o aluno tem dificuldades orais, ele falha em organizar o discurso de forma progressiva e coerente, gerando uma apresentação sem coesão. Geralmente a dificuldade em manter a progressão temática, com o uso excessivo de pausas, repetição de conteúdo ou frases desconexas interfere muito na progressão da boa oralidade.

Como consequência, têm-se notas mais baixas que são ocasionadas pelo ciclo de insegurança e falta de clareza. O impacto na nota se dá porque mesmo que o aluno tenha pesquisado bem, a falta de clareza e o nervosismo ofuscam a qualidade do conteúdo, levando o avaliador a deduzir pontos.

Dessa forma, a oralidade mal desenvolvida transforma-se em uma barreira direta para a aprovação nas disciplinas que exigem exposição. De acordo com Santos (2023) O medo e a vergonha de falar em público podem levar a uma queda no desempenho acadêmico.

#### 4.6 Comunicação oral e suas oportunidades profissionais futuras

O Quadro 7 apresenta uma série de opiniões de diferentes alunos sobre a importância da comunicação oral nas oportunidades profissionais futuras, onde cada participante relata suas perspectivas acerca da oralidade.

##### Quadro 7 – Entrevista: parte VI

Questão 6. Como a comunicação oral pode influenciar suas oportunidades profissionais futuras?

**Participante 1:** *o poder da oralidade contribui tanto para as oportunidades futuras, porque se você falar bem, você escreve bem, com os estímulos que a comunicação oral tem para a pessoa se tornar um profissional de sucesso, pode sim contribuir para muitas oportunidades.*

**Participante 2:** *pode servir como ferramenta para conseguir tais oportunidades.*

**Participante 3:** *acredito que a comunicação oral terá grande influência, pois no mercado de trabalho é essencial saber se expressar de maneiras clara e seja uma boa comunicação pode abrir portas.*

**Participante 4:** *hoje me dia precisamos dominar a oralidade isso só é possível se temos bastante. Talvez esse domínio de se comunicar bem seja, a porta das grandes oportunidades do mercado de trabalho.*

**Participante 5:** *pode influenciar nas oportunidades de carreira e desenvolvimento profissional.*

**Participante 6:** *para ser um professor de fácil comunicação e compreensão preciso ter uma boa oralidade.*

**Participante 7:** *pode abrir portas, já que uma boa comunicação ajuda em entrevista.*

**Participante 8:** *a comunicação oral é fundamental no mercado de trabalhos, pois esta presente em entrevistas, reuniões, palestras. Ter uma boa competência oral pode abrir mais oportunidades.*

**Participante 9:** *influencia muito, porque se eu não tenho uma oratória boa, como vou atuar como profissional.*

**Participante 10:** *poderá influenciar a confiança de atuar como profissional.*

**Participante 11:** *a comunicação oral é imprescindível na futura profissionais, pois serei professor, e tenho que desenvolver agora na faculdade, no PIBID etc.*

**Participante 12:** *acredito que impactam diretamente na forma transmita-o das ideias. Uma boa oratória pode abrir portas novas, melhores entrevistas de um emprego.*

**Participante 13:** *uma boa oralidade requer uma boa apresentação e oportunidades profissionais. Pois, com um bom roteiro sempre haverá segurança.*

**Participante 14:** *a minha comunicação pode me ajudar com a experiencia e confiar em tudo que posso falar sobre um assunto.*

**Participante 15:** *para mim, falar oralmente pode sim facilitar muito a falar em público, discutir assuntos com líderes maiores, e isso pode facilitar a entra numa instituição para trabalhar como docente.*

**Fonte:** elaborado pela autora (2025).

No que concerne à influência das oportunidades futuras, de acordo com os relatos dos participantes, a oralidade influencia as oportunidades em duas dimensões principais: empregabilidade e aperfeiçoamento profissional.

A capacidade de se expressar com clareza e persuasão é frequentemente o primeiro critério de desempate em processos seletivos e é uma das habilidades mais solicitadas pelos empregadores, independentemente da área de atuação. Segundo D'Ambrosio (2020), a comunicação oral e escrita está entre os principais requisitos que os gestores procuram em novos funcionários, sendo um diferencial decisivo para a empregabilidade.

Entrevistas de emprego, apresentações de projetos e dinâmicas de grupo são, essencialmente, testes de comunicação oral. A insegurança e a falta de clareza observadas podem ser fatores eliminatórios. Robles (2012) afirma que a inabilidade para se comunicar efetivamente tem sido identificada como a maior deficiência dos formandos que buscam emprego, afetando diretamente a primeira impressão em entrevistas.

No cotidiano profissional, a oralidade influencia a eficácia na resolução de problemas, no ensino e na construção de um ambiente de trabalho produtivo. Na área de docência, a oralidade afeta a didática. Em outras áreas, como consultoria ou gestão de projetos, afeta a transmissão de *feedback* e instruções. A falta de clareza também gera retrabalho e ineficiência, visto que, a clareza na exposição oral é um componente crucial para a eficácia do ensino e para a produtividade em reuniões de trabalho (Nunes, 2021).

Falar bem oralmente não é apenas um adorno; é um investimento na autonomia profissional e pessoal, conferindo poder, eficácia e bem-estar ao comunicador.

#### 4.7 Meios não-linguísticos e a comunicação oral

Nesse tópico, é apresentado uma breve análise sobre as observações dos alunos na prática de seminário, com foco nos elementos não-linguísticos. Observei em cada participante os seus comportamentos associados à comunicação oral e a análise das respostas apresentadas pelos discentes do 6º período à pergunta 01 revela um cenário amplo acerca da autopercepção dos estudantes sobre sua habilidade de comunicação oral em contextos acadêmicos.

A oralidade, entendida como prática discursiva situada e como competência essencial para a formação no curso de Letras, surge nas falas como espaço de tensões entre segurança e fragilidade, entre habilidade e limitação, entre domínio técnico e impacto emocional. De acordo com o entendimento de Bruner (1969), o conceito de comunicação não é, em absoluto, um conceito simples que represente e descreva um estado de coisas estritamente determinado e unívoco. Pelo contrário, a análise mais detalhada dos dados revela que se trata aqui de um conceito que consta de dois momentos distintos, dos quais apenas se pode afirmar estarem indissolivelmente ligados um ao outro e devem ser pensados por correlação. Desta maneira, remete-se à ideia de que a representação linguística e os meios não-linguísticos estão direcionados a algo intrínseco ao seu criador, pois a percepção deste em relação ao mundo que ele habita certamente conecta-se com a sua habilidade de fazer com que os demais interlocutores que o cercam, enxerguem seu mundo da mesma forma, ou não.

Ao apontar a responsabilidade que deve ser compartilhada entre humanos e não humanos, Leite (2012) tende a reiterar o fato de que a delegação de uso de um objeto representa, metaforicamente, a cultura de cada indivíduo. Paralelamente, ao tratar sobre a estruturação de um sentido comunicacional, uma conversa pode ser entendida como efetivamente válida, ou uma clara manifestação de descaso, desrespeito e invalidação de uma conduta.

De acordo com Mori e Rangel (2019), a língua falada, a comunicação, nesse contexto são os fatores que humanizam o ser humano e que o fomenta em uma busca por singularidade e legitimação de seu próprio ser. Assim, Santos (2018) ensina que a língua e a forma como as pessoas se comunicam têm sido alvo de reflexão e de muitas especulações ao longo dos últimos anos. Nesse caso, a língua transcende o simples fator de comunicação, sendo considerada um elemento contributivo para o conhecimento da história de uma comunidade.

A partir desse conjunto de relatos e argumento dos autores é possível compreender como os estudantes percebem a si mesmos, como constroem sua identidade comunicativa e como mobilizam consciente ou inconscientemente os elementos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos apontados no Quadro 1, de Schneuwly e Dolz (2004). Nesse contexto, a leitura inicial dos dados sugere um quadro predominantemente marcado por insegurança, ansiedade e sentimentos de insuficiência, mas a observação prática realizada na etapa do seminário demonstra um cenário diferente, o que abre espaço para uma discussão aprofundada sobre a dissonância entre autoimagem e competência real.

Por exemplo, observa-se que o Participante 1 expressa segurança ao afirmar que sua oratória é “muito boa”, destacando a capacidade de falar no momento adequado. Durante a prática de seminário, demonstrou clareza nas exposições de suas ideias, como na qualidade voz. Essa autopercepção demonstra que, para esse discente, o domínio da oralidade não se limita à emissão de palavras, mas envolve senso de oportunidade, adequação comunicativa e controle discursivo, que são elementos importantes dentro dos meios linguísticos e paralinguísticos apresentados por Schneuwly e Dolz (2004).

O participante 2 também indica que sua oralidade é boa, embora reconheça que não tanto quanto desejaria, o que revela a existência de consciência metacognitiva sobre suas capacidades e espaços de melhoria. No seminário, observou-se que mantinha contato visual com a plateia, utilizava gestos para enfatizar pontos importante e variava o tom de voz para manter o interesse. Todavia, sua postura era um pouco tensa, com movimentos excessivos das mãos, o que pode ter causado alguma distração.

O participante 3 afirma possuir desempenho muito baixo, abaixo do mínimo desejável para uma apresentação oral, o que comprova uma percepção de falta generalizada. Durante a apresentação, organizou bem suas ideias, utilizou-se uma linguagem acessível e respondeu às perguntas da plateia com segurança. Sua postura era atenta e respeitosa, mostrando interesse em compartilhar seu conhecimento.

Já o participante 4 explicita que sua comunicação é marcada por ansiedade, nervosismo, inquietação e cobrança de sentimentos que interferem de forma direta, principalmente na postura, no controle dos gestos, da respiração e do ritmo de fala. No entanto, superou a ansiedade e o nervosismo, entregando um seminário informativo e interessante. Durante a apresentação, controlou a respiração e o ritmo de fala, manteve contato visual com a plateia e utilizou recurso visuais para ilustrar seus pontos.

O participante 5, ao afirmar que “fica sem falar”, expressa um bloqueio mais intenso, associado muitas vezes ao medo de avaliação, à exposição pública e ao receio de ser julgado pelo público. Esse tipo de bloqueio está bastante documentado na literatura sobre ansiedade de comunicação, incluindo autores como Marinho *et al.* (2016), que destacam o medo de falar em público como um fator que pode gerar travamento, esquecimento do conteúdo e sensação de incapacidade.

Quanto ao participante 7, apesar de enfrentar desafios com a comunicação, notou-se um esforço notável para manter o contato visual com plateia, além disso, utilizou-se pausas estratégicas e ponderadas para organizar suas ideias. Consequentemente, adotou uma postura mais confiante e serena.

Por outro lado, o participante 8 relatou nervosismo, fala acelerada e esquecimento de partes importantes do conteúdo, o que ilustra claramente um descompasso entre domínio teórico e performance oral. Esses elementos se relacionam aos meios paralinguísticos, pois envolvem controle de melodia, ritmo, pausas e respiração itens presentes no Quadro 1 e fundamentais para a comunicação oral. Nesse contexto, apresentou poucas pausas para respiração e reflexo, dificultando a compressão.

O participante 9, diferente dos demais, utilizou gestos expressivos e elegantes para complementar sua fala. Além disso, manteve contato visual com a plateia de forma atenta e constante. Em virtude disso, demonstrou um domínio completo e impecável do conteúdo, transmitindo segurança e profissionalismo de maneira notável.

Esses participantes igualmente se reconhecem como comunicadores competentes, ainda que admitam nervosismo ou pequenas dificuldades diante do público. Esses relatos demonstram que existe, entre alguns estudantes, um bom senso entre competência comunicativa e autorreflexão crítica, o que está de acordo com o que defende Dolz (2010) ao mencionar que a oralidade envolve não apenas performance, mas também capacidade de avaliar o próprio ato de fala.

Já o participante 10 coloca outra dimensão ao afirmar que só consegue falar bem quando domina profundamente o conteúdo. Esse relato demonstra que a oralidade, embora envolva aspectos expressivos, está diretamente ligada ao domínio cognitivo e à construção discursiva. Para Dolz e Schneuwly (2010), essa relação entre competência linguística e competência discursiva é importante na produção oral, pois nenhum sujeito consegue se comunicar com clareza se não compreende plenamente o objeto de sua fala.

Outros participantes 11, 12, 13, 14 e 15, apresentaram um seminário claro e objetivos, demonstrando grande evolução em sua habilidade de comunicação, suas dedicações e esforço. Todos demonstraram excelência na prática do seminário, superando desafios e apresentado trabalho claros, concisos e envolventes. Suas habilidades de comunicação, domínio do conteúdo, transmitindo segurança e confiança. Cada participante contribuiu de forma única e valiosa, tornando o seminário um momento propício de aprendizagem.

O participante 15, por exemplo, afirmou que ainda não fala fluentemente a língua portuguesa como gostaria e que precisa praticar mais leitura e fala. Mas, apresentou um seminário claro e objetivo, demonstrando grande habilidade em sua comunicação. Essa fala remete às discussões de Pantuza, *et al* (2020) e Miranda (2017) sobre a falta de espaço para atividades de oralidade na escola, principalmente em contextos em que a escrita acaba sendo priorizada em detrimento das práticas orais. Quando o ensino prioriza apenas a leitura e a escrita, a oralidade passa a ser vista como habilidade natural, e não como prática que exige desenvolvimento sistemático, sobre a percepção que muitos estudantes carregam consigo até o ensino superior.

De forma geral, a análise das respostas demonstra que fatores emocionais desempenham uma função decisiva na percepção dos estudantes sobre sua habilidade de comunicar-se oralmente. Nervosismo, ansiedade, insegurança, medo de falhar e autocobrança são mencionados repetidamente, revelando que muitos discentes possuem uma relação tensa com o ato de apresentar-se oralmente.

Essa tensão está alinhada com os estudos de Osório *et al.* (2008) sobre ansiedade social, ao mostrarem que o simples ato de estar exposto ao olhar do outro pode desencadear respostas fisiológicas como tremores, aceleração da fala, sudorese e bloqueios cognitivos. Por sua vez, os discentes acabam demonstrando isso diretamente pelos meios cinésicos e paralinguísticos da comunicação oral, prejudicando não apenas a forma de falar, mas também a postura, os gestos, o contato visual e a respiração.

É importante mencionar que vários participantes associam sua dificuldade à formação anterior, principalmente ao Ensino Básico, onde, segundo eles, não houve estímulo apropriado à prática da oralidade. Embora essa questão tenha surgido de maneira mais clara nas respostas à pergunta 04, ela aparece explicitamente nas falas dos estudantes que afirmam não possuir fluência, pouca prática ou dificuldade em falar corretamente.

Embora toda essa diversidade e predominância de relatos negativos, a observação prática da apresentação dos alunos no seminário revelou um dado surpreendente: todos tiveram desempenho considerado ótimo, demonstrando domínio dos elementos verbais e não verbais da comunicação oral. Esse contraste entre autoavaliação e performance real é um dos achados mais relevantes da pesquisa, pois evidencia que os estudantes possuem capacidades comunicativas mais desenvolvidas do que acreditam.

Quando observados na prática, os discentes demonstraram controle da postura corporal, uso adequado dos gestos, projeção de voz suficiente, contato visual equilibrado com a plateia e organização coerente das ideias. Esses elementos, que compõem os meios cinésicos e paralinguísticos, foram analisados com base no Quadro 1 e mostraram que, mesmo aqueles que se declaravam incapazes ou muito nervosos, conseguiram se comunicar de forma clara.

Esse fenômeno pode ser explicado através de Bandura (1997), segundo a qual indivíduos frequentemente subestimam suas próprias capacidades, especialmente em situações que envolvem avaliação pública. A ansiedade, nesse caso, funciona como filtro negativo que distorce a percepção da própria habilidade. Em outras palavras, muitos discentes não conseguem reconhecer o quanto são competentes porque suas emoções interferem na maneira como percebem o próprio desempenho. No entanto, quando mobilizam seus conhecimentos em um ambiente estruturado, com condições adequadas e preparação prévia, conseguem realizar uma apresentação de alta qualidade, mesmo que sintam nervosismo antes ou durante a fala.

O ambiente e a organização do espaço também parecem ter desempenhado papel importante no desempenho dos estudantes. A prática do seminário ocorreu em uma sala adequada, iluminada, com cadeiras dispostas estrategicamente, ventilação apropriada e espaço que favorecia o deslocamento controlado dos apresentadores elementos diretamente relacionados à categoria “Disposição dos lugares” do Quadro 1.

Schneuwly e Dolz (2010) afirmam que a configuração espacial influencia a interação entre locutor e público, impactando o nível de conforto, a projeção da voz e a percepção de controle do ambiente. Um ambiente favorável reduz tensões, aumenta a sensação de segurança e contribui para a fluidez comunicativa. Assim, é possível inferir que a estrutura das condições de apresentação contribuiu para o bom desempenho dos discentes, mesmo daqueles que se autoavaliaram negativamente.

A análise das falas também demonstra que os estudantes possuem consciência sobre suas dificuldades, o que é positivo dentro de uma perspectiva formativa. Reconhecer fragilidades é o primeiro passo para construir práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento da oralidade. A insegurança, o nervosismo e a sensação de incapacidade relatados pelos estudantes precisam ser compreendidos como parte de um processo de aprendizagem e não como características definitivas.

Com base na proposta de Bardin (2011), a análise foi desenvolvida em três etapas: **pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados**, todas articuladas de modo sequencial e complementar, assegurando coerência e profundidade interpretativa.

**Quadro 8** – As categorias criadas *a posteriori*

Perguntas	Categorias
1	Avaliação de desempenho: bom, baixo, ruim, em desenvolvimento Dificuldade emocionais: nervosismo, ansiedade.
2	Principais dificuldades ou desafios: domínio do conteúdo, nervosismo, insegurança, falar em público.
3	Principais metodologias: seminário, roda de conversa, debates.
4	Educação Básica e percepções: contribuição positiva, falta de oportunidade de prática da oralidade.
5	Desempenho acadêmico: clarezas nas apresentações, apresentação de seminário.
6	Empregabilidade e aperfeiçoamento profissional.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

As categorias foram construídas a partir de eixos recorrentes identificados nas entrevistas, destacando-se três grandes grupos analíticos: “habilidade na comunicação oral”, “principais dificuldades e desafios” e “percepção da oralidade na formação profissional”. Cada categoria contempla dimensões específicas, permitindo aprofundar a compreensão sobre as condições de produção da oralidade e sua influência na aprendizagem.

A análise de conteúdo permitiu compreender de que maneira os estudantes percebem sua comunicação oral, comprovando não apenas suas dificuldades, mas também suas expectativas. A partir da sistematização das categorias, torna-se possível

avançar para a discussão dos resultados, articulando-os às bases teóricas que fundamentam a pesquisa e às implicações pedagógicas para o ensino da oralidade no ensino.

Para Schneuwly (2010), a oralidade deve ser ensinada por meio de práticas que proporcionem ao aluno oportunidades reais de falar, refletir, corrigir, avaliar e reconstruir sua performance. A prática do seminário, nesse sentido, funcionou como uma boa atividade que permitiu aos estudantes vivenciar uma situação real de oralidade, mobilizando conhecimentos teóricos e práticos.

Dessa forma, é possível concluir que as autoavaliações dos estudantes revelam muito mais seus estados emocionais do que suas reais capacidades comunicativas. Logo, torna-se necessário mostrar aos discentes que a insegurança e o medo de falar em público não impedem que eles realizem boas apresentações, pois possuem recursos comunicativos bem desenvolvidos, ainda que não os reconheçam plenamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a importância da oralidade no processo de formação acadêmica dos discentes do 6º período do Curso de Letras do INC/UFAM, destacando os comportamentos associados à comunicação oral, as percepções deles acerca da oralidade na prática de seminário e as principais dificuldades enfrentadas por eles em relação à habilidade oral. Com base nesses objetivos, formularam-se as seguintes questões norteadoras: quais comportamentos associados à comunicação oral os discentes do 6º período do Curso de Letras apresentam durante a prática do seminário? Como os discentes percebem sua própria prática de oralidade? Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos discentes ao exercitarem a oralidade na prática de seminário?

A partir dos dados e do referencial teórico, foi possível alcançar tantos os objetivos quanto responder às questões norteadoras. Inicialmente, o primeiro passo foi compreender que a oralidade constitui uma das competências mais importantes no processo de formação acadêmica e na vida profissional, pois possibilita ao indivíduo expressar-se com clareza, argumentar de forma coerente e interagir socialmente de maneira eficaz. Posteriormente, refletir sobre as práticas educacionais que, muitas vezes, ainda reduzem a oralidade a uma atividade pontual, sem o devido acompanhamento reflexivo e metodológico, o que dificulta o amadurecimento da expressão oral e da argumentação crítica.

Por ser uma prática social complexa, a oralidade requer domínio linguístico e não linguístico, bem como consciência situacional e capacidade de interação, elementos que nem sempre são trabalhados de forma sistemática nas instituições de ensino superior. Essa lacuna no processo formativo acaba comprometendo a autonomia comunicativa e o desempenho dos alunos em situações acadêmicas e profissionais, conforme apontado nos relatos dos discentes.

Reconhecer a importância da oralidade como instrumento de aprendizagem e inserção social é favorecer o desenvolvimento do raciocínio lógico, da capacidade de argumentação e da autoconfiança, sendo indispensável para o sucesso acadêmico e profissional. Entende-se que, a oralidade, quando trabalhada de forma contínua e contextualizada, contribui para a formação integral do estudante, permitindo-lhe expressar ideias, defender pontos de vista e interagir de modo crítico em diferentes

situações. Desse modo, a fala não se limita a um ato de comunicação, mas transforma-se em ferramenta cognitiva e social de construção do conhecimento.

Pelo viés da percepção discente, a maioria ainda demonstra que não sabe se comunicar de forma eficiente, mas, quando postos à prática do seminário, percebe-se que a habilidade de comunicação oral deles é mais sólida do que suas impressões iniciais. Contudo, a análise também aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que causem a autoconfiança, desmistificação do medo de falar em público e desenvolvimento de controle emocional, para que possam alinhar seu desempenho real à percepção que têm de si mesmos. Nesse sentido, a oralidade, no curso de Letras, precisa ser compreendida não apenas como competência técnica, mas como prática complexa, atravessada por emoções, contextos e experiências anteriores com a oralidade.

Destaca-se ainda que muitos discentes enfrentam dificuldades significativas no desenvolvimento da habilidade oral, que vão desde a timidez e insegurança até a falta de preparo pedagógico para o uso da fala em contextos formais. Os principais desafios enfrentados por eles são o medo de se expor em público, a dificuldade em organizar o pensamento de forma lógica durante apresentações orais e a falta de experiências didáticas que estimulem o uso da oralidade em sala de aula. Por isso, o desenvolvimento dessa prática deve ser planejado e avaliado com base em gêneros discursivos que contemplem a interação e o contexto comunicativo, e não apenas a correção linguística.

Essas preocupações são apontadas porque cada vez mais são exigidos no mercado de trabalho profissionais capazes de se comunicar de forma clara, objetiva e empática. A comunicação é uma das competências mais valorizadas nesse meio, sendo determinante para o exercício da liderança, a resolução de conflitos e o trabalho em equipe. Nesse contexto, as dificuldades orais herdadas do ambiente acadêmico podem impactar diretamente o desempenho e o crescimento profissional. Por isso, desenvolver a oralidade no ensino superior significa preparar o estudante para os desafios comunicativos da vida laboral, promovendo sua capacidade de representar ideias, dialogar e interagir de forma estratégica e ética nos diferentes espaços de atuação.

Portanto, este estudo possibilitou a compreensão da relevância da oralidade na formação acadêmica, ao evidenciar que seu desenvolvimento é essencial tanto para o êxito educativo quanto para a atuação profissional. Ao propor reflexões sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelos discentes, a pesquisa reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem a oralidade de maneira sistemática e interdisciplinar.

Não é apenas falar sobre a comunicação oral, mas também propor novas metodologias de ensino relacionadas aos gêneros orais, para que os discentes do Curso de Letras tenham a oportunidade de ampliar sua competência oral e se tornarem sujeitos críticos, autônomos e socialmente participativos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. G. G. do. **O ensino e a aprendizagem da oralidade na EJA**. Leia (Revista da UFCG), 2024.

ALMEIDA, A. A. F. DE.; BEHLAU, M.; LEITE, J. R. **Correlação entre ansiedade e performance comunicativa**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 16, n. 4, p. 384–389, dez. 2011.

BANDURA, Albert (Ed.). **Autoeficácia em Sociedades em Transformação**. Cambridge university press, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) . Acesso em: 26 junho.2025.

Breakey, LK (2005). **Medo de falar em público — O papel do fonoaudiólogo**. Seminars in Speech and Language, 26, 107-117. <https://doi.org/10.1055/s-2005-871206>

BRUNER, J. S. **Teoria de Aprendizagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

BUENO, J. S. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CHAER, M. R.; GUIMARÃES, E. da G. A. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. rgaminho, (3):71-88, nov. 2012 © Centro Universitário de Patos de Minas 2012 <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/PP-A-import%C3%A2ncia-da-oralidade-EI-e-S%C3%A9ries-Iniciais-do-EF-CHAER-Mirella-Ribeiro.1.pdf>

CHAER, M.; GUIMARÃES, E. **Linguagem e variação: noções básicas e implicações para o ensino**. São Paulo: Ática, 2012.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2012.

FIGUEREDO, L. Z. P.; BARBOSA, R. V. 2008 **Fobia Social em estudantes universitários**. ConScientiae Saúde, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 109-116, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLEMAN, D. **Trabalhando com a Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: 2009.

GRILO, A. P. da S., PINA-OLIVEIRA, A. A.; PUGGINA, A. C. G. (2019). **Falar em público: relações com competência em comunicação, ansiedade e experiências de oratória de discentes**. Revista De Enfermagem Do Centro-Oeste Mineiro, 9. <https://doi.org/10.19175/recom.v9i0.3534>

LEAL, E. A.; MIRANDA, G. J.; NOVA, S. P. C. C. **Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem.** 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2018. 235p.

LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico. **Trânsitos da voz: estudos de oralidade e literatura.** Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

MARINHO, A. C. F. et al. 2019 **Prevalência e fatores associados ao medo de falar público.** CoDAS, São Paulo, v. 31, n. 6, e20180266, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192018266>

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** /7. ed.-2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa.** – 8. ed.- [2. Reimpr]. – São Paulo: Atlas, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita.** 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. rev. e ampl. São Paulo: Hucitec, 2017.

MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PRÍNCIPE, Giovana Siqueira. Debate oral, multimodalidade e escola: problemas e possibilidades no ensino de gêneros orais por meio do modelo da sequência didática. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 4, pág. 1089-1119, 2017.

MORI, C.; RANGEL, E. O. **Propostas em língua portuguesa da BNCC focam em gramática e nos gêneros digitais.** Nova Escola. (2019).

NASCIMENTO, M. F. F. **O oral no livro didático de língua portuguesa: uma análise sobre o tratamento da oralidade.** Revista Delta, 2024.

NUNES, Renata Cristina. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e1410313022-e1410313022, 2021.

OLIVEIRA, M. A. de; DUARTE, Ângela M. M. **Controle de Respostas de Ansiedade em Universitários em Situações de Exposições Oraís.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 183–199, 2004. DOI: 10.31505/rbtcc.v6i2.56. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/56>. Acesso em: 5 nov. 2025.

OLIVEIRA, Antonia Alves dos Santos. **O olhar da BNCC sobre a oralidade.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

OSÓRIO, Flávia de Lima; CRIPPA, José Alexandre de Souza; LOUREIRO, Sônia Regina. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. **Arquivos de Psiquiatria Clínica (São Paulo)**, v. 39, p. 48-53, 2012.

PANTUZA, Júlia Janssen et al. Senso de Coerência e o medo de falar em público em universitários. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2020. p. e20190071.

PEREIRA, S. M.; LOURENÇO, L. M. 2012 O estudo bibliométrico do transtorno de ansiedade social em universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 47-63, jan./abr. 2012.

PINHO, J. R. D. de. **A Oralidade no Ensino de Línguas Estrangeiras**. [S.l.]: [s.n.], 2023. (Livro — formação docente / ensino de línguas).

ROBLES, MM (2012). **Percepções de executivos sobre as 10 principais habilidades interpessoais necessárias no ambiente de trabalho atual**. *Business Communication Quarterly*, 75, 453-465.

SANTOS, R. N. R. et al. 2023 **O medo de falar em público e suas consequências: um estudo de caso com estudantes da área de engenharia de uma IES pública da Bahia**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 9., 2023. Anais [...] Campina Grande: Realize Editora, 2023.

SANTOS, (org.) e TIMBANE, (colab.). **Oralidade no espaço acadêmico**. Atena Editora (ou publicação eletrônica), 2020. (Coletânea/monografia sobre oralidade acadêmica).

SANTOS, V. L. **O uso das TIC por professores da rede pública: as contribuições de uma formação continuada**. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. São Paulo: PUC, 2018.

SCHNEUWLY, B. **Palavra e ficcionalização um caminho para o ensino da linguagem oral**. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e Escritos na escola/ tradução e organização. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros oraís e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, M. C. da. **O Letramento Escolar: Descrição de uma Proposta de Ensino Seminário**. 151f. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado em Linguagem e Ensino) – universidade Federal de Campinas Grande, 2007.

SILVA, M. R. **Expressão Oral e Confiança em Apresentações Acadêmicas**. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

SOUZA, N. P. **A construção das práticas argumentativas oraís: o júri simulado como estratégia de ensino nas aulas de língua portuguesa**. 1. ed. Campina Grande: Benares Editora, 2022.

TRAVAGLIA, L. C. et al. Gêneros orais: conceituação e caracterização. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 12-24, jul./ dez. 2017.

**VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A importância da oralidade na formação acadêmica: uma análise da prática de seminário no Curso de Letras

**Pesquisador:** ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 92191725.7.0000.5020

**Instituição Proponente:** INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.935.061

##### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se da segunda versão do projeto de pesquisa relativo ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a responsabilidade da Profa. Dra. Andrea Marcião dos Santos, com a participação de Janete Filipe Benedito, graduanda em Letras, ambas do Instituto de Natureza e Cultura - INC-UFAM. O presente projeto analisa a importância da oralidade na formação acadêmica, com foco na prática de seminário, pois compreende-se que é um instrumento indispensável para a socialização de saberes e o desenvolvimento intelectual. A temática surgiu na observação de dificuldades na comunicação oral dos alunos do curso de Letras do referido instituto.

##### **Objetivo da Pesquisa:**

###### **Objetivo Primário:**

Analisar a importância da oralidade no contexto acadêmico, especificamente na atividade oral de seminário desenvolvida por estudantes do curso de Letras do Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM).

###### **Objetivo Secundário:**

Mapear os comportamentos associados à comunicação oral apresentados pelos estudantes do ensino superior;

Identificar as percepções dos estudantes acerca da importância dos aspectos da oralidade na prática de seminário;

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**CEP:** 69.057-070

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-4000

**E-mail:** cep@ufam.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 7.935.061

Verificar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes no que se refere à construção de uma comunicação oral eficiente, objetiva e clara no contexto acadêmico.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Avalia-se que os riscos e benefícios estão satisfatoriamente descritos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Considera-se que a pesquisa possui relevância social e científica, na medida em que pode ampliar o conhecimento acerca da oralidade na formação acadêmica. As pesquisadoras pretendem entrevistar 29 estudantes do 6º período do curso de Letras.

Informam que os dados obtidos nas entrevistas serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Esta técnica permitirá organizar, categorizar e interpretar os discursos dos entrevistados, possibilitando a identificação de padrões, tendências e especificidades nas experiências relatadas. O objetivo central é compreender como sujeitos da pesquisa percebem suas próprias habilidades de comunicação oral, bem como as influências que essas competências exercem em seu desempenho acadêmico e na sua formação. Com base na metodologia proposta e referência a Bardin (2011), apresenta-se o processo de análise da pesquisa que seguirá em três etapas fundamentais, interligadas e sequências.

Pré análise: será realizada organização do corpus a partir da transcrição das entrevistas e sistematização das observações. Em seguida, a imersão no material para a apreensão das recorrências, semelhanças e diferenças apresentadas pelos estudantes no aspecto da oralidade.

Análise (criar categorias): nesta etapa serão desenvolvidas as categorias temáticas, a partir da codificação dos dados, agrupando as unidades de significado que emergem dos discursos dos participantes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de Rosto: adequada.

Termo de anuência: adequado.

Orçamento: adequado.

Cronograma: adequado.

Instrumento de coleta de dados: apensado.

Projeto: apensado.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**CEP:** 69.057-070

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-4000

**E-mail:** oep@ufam.edu.br

Continuação do Parecer: 7.935.061

TCLE: revisado e adequado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora responsável ajustou o Projeto de Pesquisa às solicitações contidas no parecer anterior, de modo que não se vislumbra, na presente versão, nenhum óbice ético. Desse modo, salvo melhor juízo, o parecer é pela aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2651005.pdf	21/10/2025 23:29:24		Aceito
Outros	declaracao_V2.pdf	21/10/2025 23:28:18	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Outros	carta_resposta_V2.pdf	21/10/2025 23:14:26	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronograma_V2.pdf	21/10/2025 23:12:23	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_V2.pdf	21/10/2025 23:09:37	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_V2.pdf	21/10/2025 23:08:36	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	22/09/2025 12:07:06	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Outros	anuencia.pdf	22/09/2025 12:06:43	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_3.pdf	22/09/2025 12:04:32	ANDREZA MARCIAO DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

Endereço: Rua Teresina, 4950  
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070  
 UF: AM Município: MANAUS  
 Telefone: (92)3305-4000 E-mail: cep@ufam.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 7.935.061

**Necessita Apreciação da CONEP:**  
Não

MANAUS, 29 de Outubro de 2025

---

**Assinado por:**  
Eliana Maria Pereira da Fonseca  
(Coordenador(a))